18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

LUGAR, PAISAGEM E TERRITÓRIO

Nuances sobre práticas emancipatórias

ST2 – Paisagens e territórios

PLACE, LANDSCAPE AND TERRITORY

Nuances of emancipatory practices

VIEGAS, Marina Vale

Professora Doutora Substituta | UFMG | Belo Horizonte, MG, Br | marinavviegas@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2082-5707

RESUMO

Este artigo investiga nuances dos conceitos “lugar”, “paisagem” e “território” pelo olhar da teoria urbana, mas embasado em sua transdiciplinaridade. A contribuição da geografia para esses estudos tem início na década de 1970 e é liderado por Doreen Massey (2008) e David Harvey (1996). Assim como Angelo Serpa (2019) e Marcelo Lopes de Souza (2022), anos depois, no contexto brasileiro. Essas teorias fundamentam análises sobre o ser no espaço e faz-se urgente no atual contexto das contradições e dialéticas urbanas que dinamizam a vida cotidiana. Os conceitos carregam potenciais emancipatórios, uma vez que a sua leitura ocorre por meio da (re)ação dos usuários do espaço. A prática, nesse caso, pode significar resistência à impessoalidade dos atuais espaços produzidos. O objetivo é iniciar um debate, sem esgotá-lo, em torno das confluências e singularidades dos conceitos e a sua espacialização no contexto do urbano contemporâneo. Os métodos utilizados são a revisão bibliográfica e a análise crítica. Espera-se criar bases teórico-metodológicas para análises das relações sócio-espaciais estruturadas pela hegemonia do capital.

Palavras-chave: lugar; paisagem; território; relações sócio-espaciais.

ABSTRACT

This article investigates the nuances of the concepts of place,” “landscape,” and territory” through the lens of urban theory, grounded in their transdisciplinary nature. Geography s contribution to these studies began in the 1970s, led by Doreen Massey (2008) and David Harvey (1996), followed years later in the Brazilian context by Angelo Serpa (2019) and Marcelo Lopes de Souza (2022). These theories provide the foundation for analyses of the condition of "being" in space, an urgent task within the current context of urban contradictions and dialectics that drive daily life. The concepts carry emancipatory potential, as their interpretation occurs through the (re)action of space users. In this case, practice can signify resistance against the impersonality of contemporary produced spaces. The objective is to initiate a debate, without exhausting it, surrounding the confluences and singularities of the concepts and their spatialization within the contemporary urban context. The methods employed consist of literature review and critical analysis. The goal is to establish theoretical-methodological foundations for analyzing socio-spatial relations shaped by the hegemony of capital.

Keywords: *place; landscape; territory; social-spacial relations.*

1 INTRODUÇÃO

O “lugar”, a “paisagem” e o “território” configuram conceitos referentes ao ser no espaço. As suas dimensões e fatores, de forma coletiva e individualizada, encontram-se em um contexto de relação com o seu entorno, e remete às experiências sociais no espaço, para além do seu aspecto físico-temporal. As experiências do lugar, da paisagem e do território também abrangem relações com base nas dinâmicas urbanas de construção histórica dos espaços. Os três conceitos fazem parte da vida cotidiana dos usuários regida por contradições, representações e abstrações, e sediada em espaços de poder, onde ocorrem as práticas sociais associadas à identidade - essas permeadas por símbolos em relações dialéticas (Serpa, 2019).

O geógrafo Angelo Serpa (2019, p. 63) ressalta que a maneira como se reage ao espaço modifica de acordo com os seus frequentadores, uma vez que existem “momentos e princípios existenciais didaticamente relacionados, mas distintos enquanto manifestações do ser-no mundo”. A reação também é modificada pela relação estabelecida entre sujeito e espaço - e essas relações podem ser engendradas por relações paisagísticas, territoriais e do sentido do lugar. Essas relações, ao mesmo tempo cotidianas e complexas, atuam em conjunto ou separadamente a depender da conexão simbólica estabelecida. A busca por suas conceituações demanda o entendimento dos fatores espaço-temporais do ser-no mundo com base na especificidade espaço-temporal, a cultura, as dinâmicas urbanas e a construção histórica desses espaços. O ser espacial relaciona-se no urbano como produtor e como ser que vivencia as transformações intrínsecas ao seu processo.

O urbano, os seus territórios, as paisagens e os lugares misturam-se em camadas de experiência do espaço. Enquanto o território diz respeito às relações de poder, entre outros fatores, a paisagem e o lugar fazem parte da consolidação de vínculos emocionais relativos ao urbano (Silva; Costa, 2021). As três categorias tornaram-se objetos de interesse que ultrapassam a qualificação de seus ambientes - recentemente, estabeleceram-se como uma estratégia mais claramente relevante para o mercado. Esse fato justifica-se pela apropriação cultural em suas mais diversas facetas. Ao mesmo tempo, lugar, paisagem e território podem configurar relações de resistência à produção capitalista do espaço responsável pela perpetuação da segregação e aniquilamento das relações simbólicas no urbano. Esse debate nos interessa nesse artigo.

O objeto de pesquisa consiste na análise dos conceitos “lugar”, “paisagem” e “território” com base no potencial emancipatório dessas categorias que espacializam o ser no espaço urbano contemporâneo intricado e dialético. Objetiva-se evidenciar as semelhanças e disparidades das categorias e debater a sua importância para a teoria urbana - para além da valorosa contribuição da tríade pra outras disciplinas, como a Geografia e as Ciências Sociais. Parte-se da hipótese que a análise de um lugar necessariamente envolve a paisagem e o território. A transdiciplinaridade desses conceitos possibilita novos olhares para temas recorrentes e a busca por soluções de algumas das vicissitudes urbanas atuais.

Faz-se importante ressaltar que alguns autores[1] tentaram aproximações teóricas entre os três conceitos e a tríade lefebvriana do espaço vivido, concebido e percebido. Apesar de válida a tentativa, adotamos que o território, a paisagem e o lugar não carecem de substrato teórico

[1] Ver Serpa (2019) e Souza (2022).

para a sua discussão específica, mesmo que demasiadamente amparadas pelos estudos lefebvrianos, como será detalhado ao longo do artigo.

Para além dessa introdução e das considerações finais, o artigo divide-se em quatro outras seções, uma sobre cada um dos conceitos supracitados e uma outra que debate as práticas espaciais associadas a eles. Ao discorrer sobre as categorias, procura-se evidenciar as ações e reações passíveis de ocorrer quando o ser se posiciona criticamente no espaço, participa do processo urbano e resiste à dominação do espaço pelo capital. Para isso, a metodologia envolve a revisão bibliográfica dos conceitos a partir da bibliografia delimitada pela pesquisa e a sua análise crítica.

2 O LUGAR

A categoria lugar se tornou central à Geografia Humanística[2] na década de 1970 e a sua retomada, nos últimos anos, atualiza o debate no contemporâneo. Segundo Marcelo Lopes de Souza (2022), o primeiro plano ou a assimilação imediata do lugar se dá a partir do âmbito cultural-simbólico que, em um segundo momento, se desenvolve em questões referentes à identidade, a intersubjetividade e as trocas simbólicas. Ele também afirma que "os lugares merecem ser entendidos como *as imagens espaciais em si mesmas*" (Souza, 2022, p. 117, grifos do autor). No caráter de imagem espacial, o lugar figura para além de somente uma materialidade, em partes porque a categoria abrange as imagens e o sentido do lugar, ambos imateriais, assim como o próprio lugar.

Em conformidade com Massey (2008), o lugar nasce das experiências do cotidiano, ou seja, conforma um espaço experienciado por frequentadores em todos os seus âmbitos e tangibilidade, dotado de influências locais e externas, e regido pela produção de símbolos. O lugar, nessa pesquisa, conforma um pedaço urbano que atua na intensificação das relações entre indivíduos e espaço e favorece, devido à sua ambiência, a permanência, a aglomeração, as trocas e a criação de identidades.

O estudo sobre o lugar, na sua dimensão cultural-simbólica, ocorre a partir dos seus significados: deles faz-se possível extrair os sentidos do lugar[3] (Souza, 2022). O sentido do lugar, ou os sentimentos subjetivos relativos ao lugar, conformam uma interpretação individual do espaço, na sua concepção sociocultural. Além do seu sentido, a análise do lugar ocorre com base em mais dois elementos: a sua localidade e localização (Cresswell, 1996)[4].

[2] Ver também: Relph, 1976.

[3] Marcelo Lopes de Souza (2022) acrescenta a "imagem do lugar" como possibilidade de leitura do lugar. Entretanto, não acreditamos que o lugar não se reduz a uma imagem.

[4] Na visão de Cresswell (1996), a localização (*location*) refere-se ao ponto geográfico no qual se insere o lugar. A partir dele faz-se possível estabelecer as relações e ligações entre as diferentes localizações que compõe o espaço urbano. A localidade (*locale*), por outro lado, abrange relações mais amplas baseadas, em especial, na economia. Para fins de estudos sobre o urbano no Brasil, adota-se a nomenclatura cunhada por autores locais, em português. Csaba Deák (2016, p. 47, grifos do autor) explica: "Localização: no sentido de *loucs*. Era *location* em inglês, que não se traduz por 'locação' e também se traduz um tanto quanto precariamente por 'localização', mas talvez 'lugar', que também seria uma possibilidade, também não seria melhor".

A localidade representa o ponto geográfico no qual o lugar encontra-se e permite delinear as relações espaciais entre lugares. O termo localização, em uma visão economicista, é utilizado para descrever o lugar. "Localização e espaço são definidas simultaneamente, a matéria constitutiva do espaço sendo o conjunto de relações entre as localizações nelas contidas, e a especificidade do espaço consistindo na maneira específica pela qual as localizações são relacionadas entre si" (Deák, 2016, p. 47-48). As localizações no espaço capitalista funcionam de maneira a garantir a atração de investimentos e novos consumidores em decorrência de uma série de privilégios como fácil acesso, proximidade a áreas já consolidadas e infraestrutura urbana. Essa realidade resulta na valorização do solo em dada localização (Harvey, 2005).

David Harvey (1996), a partir da economia política do lugar, amplia essa discussão ao entender o conceito de lugar com uma construção social, uma entidade ou permanência que ocorre na constituição do espaço-tempo. A ideia de fixação, estudada por Harvey (2001) através da categoria *spatial fix*, diz respeito à contradição do sistema capitalista ao edificar e materializar infraestruturas com a finalidade de circular capital no espaço, uma vez que a sua destruição faz-se necessária para a reconstrução de novos espaços de acumulação. O caráter abstrato da produção capitalista do espaço dinamizada pelo *spatial fix* em seu contexto globalizado, contudo, coexiste com os espaços socialmente produzidos e dotados de significado para os seus usuários, como é o caso dos lugares. Essa visão permite argumentar que, ao mesmo tempo em que o capital se fixa para se reproduzir, as dinâmicas intrínsecas ao lugar extrapolam a sua posição geográfica em favor das relações sócio-especiais criadas neles - mesmo que o seu valor se torne agregado ao espaço.

No urbano, os processos que reúnem as múltiplas experiências legitimadas por seus usuários estão amparadas pelo pacto entre estar e permanecer no lugar e o direito ao exercício do pertencimento. A concepção da ideia de lugar, contudo, encontra-se em meio aos processos urbanos de "destruição criativa"[5] das paisagens e dos espaços de identificação nas principais metrópoles do mundo. Muitas das descaracterizações presentes na fragmentação dos tecidos tradicionais, ou mesmo as suas aniquilações, resultam dos processos de transformações engendradas pela produção capitalista (Massey, 2008). Essas, em sua maioria, amparadas e dinamizadas pelo planejamento urbano e suas novas incursões empreendedoristas (Harvey, 2005).

A reprodução do lugar, por exemplo, estratégia contemporânea que atua a partir da apropriação paisagística e cultural desses espaços, pode criar imagens semelhantes ao original, mas as concepções mentais de seus usuários, não, necessariamente. Quando Massey (2008) afirma que o lugar não é estático, ela assume o seu caráter transformador no sentido de experienciar os processos cotidianos e se abrir para novos experimentos urbanos. Harvey (1996), todavia, refere-se ao ambiente construído como espaço composto por símbolos, edificações e infraestruturas. As duas análises podem coexistir, mesmo que as leituras conformem abstrações teóricas ou abstrações concretas, nas palavras de Henri Lefebvre (2019), uma vez que elas projetam as relações sociais no espaço.

A busca pelo sentido da categoria do lugar no âmbito da teoria urbana engendra uma discussão em torno da conceituação de fenômenos contemporâneos que se tornaram frequentes - e não podem mais ser analisados como eventos pontuais. Com a escalada da globalização e da reestruturação territorial, facilitadas pelo o que Edward Soja (1993) chama de "transferência

[5] Conceito cunhado por Neil Brenner (2018).

geográfica de valor", a reprodução do espaço assumiu escalas agigantadas, em especial, devido à supressão das fronteiras e distâncias. Segundo o autor, as metrópoles contemporâneas caracterizam-se pela fluidez, pela heterogeneidade e pelo arranjo geográfico cada vez mais complexo (Soja, 2000). Essa complexidade pode também ser mapeada pela paisagem.

3 A PAISAGEM

O lugar, no caráter de imagem espacial, também representa componentes ativos da paisagem. A paisagem configura tanto um arcabouço teórico quanto a vivência do espaço por meio das suas imagens. A paisagem responsabiliza-se pela conexão que os indivíduos tem para com o espaço. Georg Simmel (2013) afirma que o conceito paisagem refere-se a uma construção social, uma vez que a ação de recortar a paisagem ocorre mediante ao cruzamento de conceitos de diferenciadas maneiras nas mentes dos indivíduos - os autores das imagens recortadas. Nesse sentido, entender como o usuário percebe o espaço das cidades tornou-se essencial para entender como as transformações físicas alteram a vida cotidiana desses espaços.

O conceito de paisagem contempla a ação: ação para a sua materialização e ação-reação diante dela. Segundo Augustin Berque (1998, p. 84): "a paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza". O autor afirma que a paisagem compõe uma construção cultural, visto que se trata da interação entre os indivíduos, o espaço e a natureza.

Apesar de a paisagem estar condicionada pelos modos de consumo que moldam as cidades, os recortes das imagens configuram ações individuais e, por conseguinte, únicas - mesmo que inseridas em um conjunto de estratégias globais e o sentimento resultante condicionar-se pelo capital cultural. Nesse sentido, o recorte da paisagem pode configurar uma estratégia de percepção e reflexão crítica em relação à produção e à apropriação do espaço pelo homem. Altamiro Bessa (2011, p. 60) explica:

> De fato, por meio das paisagens do cotidiano e nelas, se poderá facilitar o avanço na autonomia dos grupos sociais. Isso ocorrerá, se os grupos locais, empoderados, passarem a perceber o domínio das verticalidade nessas paisagens cotidianas e, a partir daí, iniciarem os processos de mudança que lhes permitirá assumir o controle decisório do acontecer naqueles lugares, fazendo prevalecer as horizontalidades.

O conceito paisagem tornou-se indispensável para a investigação do espaço que se adaptou à predominância dos serviços urbanos e da cultura do consumo (Zukin, 1995). "As paisagens são as expressões mais contundentes das relações materiais e simbólicas de uma sociedade com a natureza do lugar" (Leite, 2021, p. 21). A paisagem abrange a essência do que se encontra invisível dentro do visível, ou uma experiência estética de recorte de uma imagem real-abstrata que se encontra em constante mudança (Serpa, 2019, p. 63). Nas palavras de Sharon Zukin (2000, p. 83, grifo da autora): "*Paisagem* é o conceito-chave para compreendermos a transformação espacial". Ela representa a acumulação e a reacomodação material e simbólica

de rastros e memórias no urbano, e uma construção não somente cultural: ela compreende a economia, a política, a ciência e compõe um sistema dinâmico e aberto ao sensível.

A assimilação da paisagem acontece, em partes, nas ruas, ao se transitar pela cidade. Os espaços de uso coletivo público configuram o local da prática de apreensão da cidade, da vida cotidiana, e da dominação capitalista. Por esse motivo, Jean-Marc Besse (2014, p. 33) sugere que as categorias e os adjetivos necessários a um posicionamento crítico em relação à paisagem precisam ser revistos, uma vez que ela não corresponde a uma unidade de "espaços organizados coletivamente" pelos produtores das cidades. Por isso, a tentativa de revisão do conceito em paralelo às categorias lugar e território. Sharon Zukin (2000) avança nessa discussão ao propor que a leitura da paisagem inclua a distinção entre o que ela chama de vernacular, a imagem dos "sem poder", e a "paisagem dos poderosos", uma vez que existe uma assimetria entre cultura e mercado, respectivamente, a partir da sua composição territorial.

A paisagem compõe-se de rugosidades produzidas socialmente ao longo do tempo. As divisões anteriores do trabalho permitem a revisitação de formas urbanas herdadas por meio da recomposição do período da sua construção. As rugosidades, nesse sentido, auxiliam na percepção de combinações possíveis apenas em um determinado espaço e tempo; e essa configuração expecta pela sua nova função dentro dos contextos vigentes, mesmo que restrita à sua configuração original (Santos, 2020). Milton Santos (2021, p. 173) explica: "O modo de produção que, por intermédio de suas determinações (em um mesmo lugar pode-se ter, ao mesmo tempo, determinações diferentes), cria formas espaciais fixas pode desaparecer - e isto é frequente - sem que tais formas fixas desapareçam".

Mesmo que a forma e a experiência do urbano transformem-se, as memórias e as marcas de um passado outro fazem parte da sua constituição. "A rugosidade é vinco, conjunto de rugas, marcas, memórias. Sem ela, não existiriam sobrevivências que particularizam e singularizam as formações sociais e, especialmente, os lugares"[6] (Santos *et al.*, 2017, p. 123). Portanto, as rugosidades podem configurar os lugares de outrora, além de auxiliar no método de análise dos condicionares para a sua formação por meio da paisagem.

David Harvey (1996) chama esse fenômeno de palimpsesto. Nas palavras do autor, o palimpsesto conforma: "uma paisagem complexa composta por diferentes formas construtivas sobrepostas nelas mesmas com a passagem do tempo"[7] (Harvey, 1996, p. 49). As camadas que compõe o palimpsesto independem do tempo de formação dos espaços urbanos uma vez que, mesmo os mais recentes, acumulam formas e funções do urbano de agora e de outrora. Essa conjuntura favorece a transformação das paisagens e do lugar, e incentiva a criação de um "panorama onírico de consumo visual" (Zukin, 2000).

Dentro do contexto do urbano em transformação, realizam-se processos de construção e destruição que determinam como a temporalidade comporta-se em meio à temporaneidade. A temporalidade, assim como as rugas, diz respeito à conservação do passado no presente ou

[6] Apesar das reflexões valiosas para essa artigo, ressalta-se que não anuímos com o conceito de lugar utilizado pelos autores desse trabalho. Para eles: "[…] o lugar não é o suporte para o projeto de arquitetura e urbanismo. O lugar é o próprio projeto requisitando partilhas sensíveis nas esferas estética e política" (Santos *et al.*, 2017, p. 116). Acreditamos que o lugar como projeto se resume à criação de urbanidades, lugares mercadológicos.

[7] […] *a composite landscape made up of different built forms super-imposed upon each other with the passing of time.*

"tece a dinâmica dos lugares", nas palavras de Altamiro Bessa (2022, p. 29). Os vestígios, ou as formas passadas expressas nas paisagens, atualizam-se pela adição da temporaneidades que podem perpetuar ou romper com o passado.

Em relação à acumulação de distintas representações dos períodos históricos e sociais no espaço, evidencia-se nas cidades contemporâneas as modificações causadas no tecido parcial ou totalmente urbanizado onde repercutem a convergência de uma camada original e uma realidade nova. Nesse sentido, Altamiro Bessa (2022, p. 32) propõe a: "reflexão crítica visual sobre como as temporaneidades estranhas ao lugar podem violentar profundamente a sua temporalidade". Essa análise diz respeito ao entendimento da paisagem com uma temporalidade dentro de uma temporaneidade, ou a paisagem como uma imagem do tempo: a temporalidade garante que o passado seja levado ao futuro, através da proteção da paisagem, e a temporaneidade, por ser limitada ao presente, prova que o congelamento de uma imagem encontra-se suscetível às mudanças intrínsecas à paisagem real (Assunto, 2013).

Em muitos casos, a reacomodação das transformações do espaço pode compor uma paisagem estranha aos seus observadores. Esse fato justifica-se pela conjuntura da sociedade estruturada pelas práticas de consumo no e do urbano e a criação de paisagens que revelam o caráter mercadológico e fragmentário das cidades. Maria Angela Faggin Leite (2021, p. 22) explica: "As paisagens permanecem, assim, como construções e concepções de mundo feitas não apenas para serem admiradas, mas para fazer ver aquilo que indicam: o sentido ou a perda de sentido das relações que se estabelecem entre a natureza, a sociedade e a arte". Essas construções dinamizam o olhar crítico dos usuários das cidades.

A análise da paisagem engendra novas possibilidades de estudos do urbano. "Longe de ser uma mera reorganização cognitiva, […] o mapeamento da paisagem é um processo *estrutural*, que tem ressonância tanto no ambiente construído como em sua representação coletiva" (Zukin, 2000, p. 83, grifo da autora). Afinal, o recorte da paisagem permite leituras e posicionamentos críticos que podem resultar em práticas voltadas à manutenção dos símbolos sensíveis a seus usuários que dinamizam os sentimentos de pertencimento. Não somente da paisagem, mas também o mapeamento dos territórios e dos lugares permite o detalhamento dos processos experienciados nas cidades e as (re)ações perante eles.

4 O TERRITÓRIO

O território, segundo Edward Soja (2000), apoia-se na relação estabelecida entre o usuário e o espaço a partir da identidade desenvolvida por meio das suas culturas constituintes. Nesse sentido, o território, entendido como materialização dos sentimentos praticados em relação ao espaço, interessa ao estudo do lugar e da paisagem ao atuar como palco da constituição das imagens espaciais e das práticas decorrentes do estabelecimento do sentido do lugar.

O território abrange o caráter subjetivo e simbólico - somente possível quando parte de um substrato material dotado de vantagens e recursos - ou o urbano, em sua totalidade, no atual contexto de produção capitalista do espaço. O conceito e os seus processos de destruição e construção - ou desterritorialização e reterritorialização - vinculam-se às características propositivas do urbano empreendedorista nos seus mais diferenciados âmbitos. Esse processo abrange as reterritorializações e desterritorializações dos fluxos de capital, pessoas e símbolos [lugares e paisagens] que permitem a inserção das cidades nos "circuitos claramente

hierarquizados da economia global". Nas palavras de Edward Soja (2000, p. 151-152, tradução nossa):

> Desterritorialização refere-se ao enfraquecimento da ligação com o local, desde comunidades territorialmente definidas e culturas que abrangem o ambiente familiar, o bairro urbano e a cidade, até a metrópole, a região e aquelas mais poderosas comunidades de identidade territorial contemporâneas, os Estados-nação modernos. […] Ao mesmo tempo, entretanto, também estão em curso os processos de reterritorialização que criam novas formas e combinações de espacialidades social e identidade territorial que, se não substituem o antigo, produz geografias humanas que diferem significativamente e são mais complexas em comparação com as que foram identificadas no passado[8].

Uma vez que o território constitui-se com o modo geográfico da existência com base nas ações perante às relações de poder, as disputas pelo território tornaram-se central à produção do espaço em determinadas regiões. Nas palavras de Angelo Serpa (2019, p. 83): "[a] região é um recorte no espaço geográfico que manifesta sua diferenciação enquanto um território apropriado/controlado de uma maneira a um só tempo concreta e simbólica, através da consolidação de uma identidade territorial". Essa conjuntura é engendrada pelas hierarquias contidas nos territórios - e com referência a um território, dado o seu caráter espacial. Elas apresentam-se de forma explícita ou não, a depender das contradições intrínsecas ao processo urbano. A modificação do território ocorre por meio de práticas sociais, da manipulação simbólica e da ressignificação do espaço, mas, ao contrário do substrato especial material, o território é também um campo de poder e, não, uma matéria tangível (Souza, 2022). Em partes, similar à imaterialidade do lugar e da paisagem.

As transformações no e do espaço envolvem, entre outros, a movimentação de capital e a sua reacomodação no território com base no seu histórico sócio-espacial. Como os projetos que criam novas centralidades espacializam-se pontualmente no espaço, existe uma atenção voltada para as questões políticas, administrativas, sociais e locais e, como consequência, uma tentativa de criação de um discurso de delimitação do espaço em torno da sua permanência como lugar (Harvey, 1996). Angelo Serpa (2019, p. 63) argumenta que existe um "predomínio instável da igualdade e da diferença" entre o território e o lugar que é regido por forças centrípetas ou centrífugas que resultam em ações por parte dos sujeitos, grupos, indivíduos e classes a partir de sua essência. Mesmo que inconscientemente, os usuários do urbano reagem a ele a partir da compreensão do espaço em transformação que os circunda em seus diversificados âmbitos com

[8] *Deterritorialization refers to the weakening attachments to place, to territorially defined communities and cultures ranging from the household, the urban neighborhood, and the town or city, to the metropolis, the region, and that most powerful of contemporary territorial communities of identity, the modern nation-state. […] At the same time, however, there has also been a reterritorialization process, creating new forms and combinations of social spatiality and territorial identity that, if not actually replacing the old, are producing human geographies that are significantly different and more complex, from those we have recognized in the past.*

base na sua relação pessoal. A identidade[9], ou o sentido do lugar, muitas vezes regem a prática no espaço, ou as ações cotidianas, pautadas por seus territórios singulares e dotadas de relações pré-estabelecidas.

5 PRÁTICAS ESPACIAIS NOS LUGARES, PAISAGENS E TERRITÓRIOS

> O conjunto espacialmente estabelecido dos processo sociais, que denomino urbanização, produz diversos artefatos: formas construídas, espaços produzidos e sistemas de recursos de qualidades específicas, todos organizados numa configuração espacial distintiva. A ação social subsequente deve levar em consideração esses artefatos, pois muitos processos sociais (como viajar diariamente para o trabalho) se tornaram fisicamente canalizados por esses artefatos. A urbanização também estabelece determinados arranjos institucionais, formas legais, sistemas políticos e administrativos, hierarquias de poder etc. Isso também concede qualidades objetivadas à "cidade", que talvez dominem as práticas cotidianas, restringindo cursos posteriores de ação. Finalmente, a consciência dos moradores urbanos influencia-se pelos ambiente da experiência, do qual nascem as percepções, as leituras simbólicas e as aspirações. Em todos esses aspectos, uma tensão permanente entre forma e processo, entre objeto e sujeito, entre atividade e coisa (Harvey, 2005, p. 168).

A busca pelas experiências cotidianas na atualidade demanda o entendimento dos fatores espaço-temporais do território, da estrutura da paisagem e do entrelaçamento entre lugar e identidade (Silva; Costa, 2021). A citação de Harvey, acima, permite argumentar que a ação social (outro nome para a prática espacial lefebvriana) depende das três categorias em debate. Enquanto a paisagem configura uma imagem ou matriz de análise do espaço e o território diz respeito às relações de poder sediadas no urbano, o lugar engloba ambos e acrescenta a variável da possibilidade da permanência e da construção de laços de comunidade. A percepção desses espaços, portanto, apoia-se na leitura dos símbolos constituintes das imagens espaciais ou da paisagem, sediadas em territórios reconstituídos com base em novas relações de poder e em tensões espaciais resultantes da produção capitalista do espaço (Zukin, 1995). A sua importância, no contemporâneo, se dá pela falta de relações sócio-espaciais e a ascensão do espaço virtual como espaço primário de estabelecimento de interações sociais.

O lugar nos estudos urbanos integra a esfera do cotidiano e nasce das práticas exercidas no espaço, mesmo territorializado em interstícios de áreas resultantes de processos de renovação ultramodernos do urbano contemporâneo. Como parte do urbano, ele participa de um processo nunca estático e se reconstitui com base nas suas transformações intrínsecas, suas múltiplas combinações, encontros e representações do espaço-temporalidade por meio da sua paisagem (Massey, 2008). Contudo, ao contrário da paisagem, o lugar reúne diferenciadas identidades e configura-se em uma delimitação flexível. Essa complexidade garante que, ao contrário de outras áreas do urbano, o lugar extrapole a sua condição intangível por depender também das suas características arquitetônicas e urbanísticas.

[9] David Harvey (1996) afirma que identidade significa identificação com o lugar - o que, nessa pesquisa, chamamos de sentido de lugar.

Nesse sentido, mais do que um produto das relações sociais, o lugar "se reconstrói permanentemente em sua indissociável vinculação ao igualmente complexo mundo dos homens" (Haesbaert, 2008, p. 12). Ao escrever sobre a busca pelo lugar e o seu sentido, Doreen Massey (2001) aborda a ideia de que o processo urbano se encerra para além da crítica à produção capitalista do espaço e oferece alternativas de análise desse urbano a partir do conceito de lugar. Assim como a paisagem e o território fortalecem esse debate na qualidade de partes constituintes do lugar. David Harvey (1996) contribui para a discussão ao caracterizar o lugar como "o lócus de imaginários", "institucionalizações", "configurações de relações sociais", "práticas materiais", "formas de poder", e "elementos de um discurso". O autor propõe que essa conjuntura seja componente do conceito de lugar: um microterritório "internamente heterogêneo, [dotado de] configurações dialéticas e dinâmicas de permanências relativas dentro da dinâmica espaçotemporal global dos processos socioecológicos"[10] (Harvey, 1996, p. 294).

Os urbanistas críticos como Harvey ocuparam-se na década de 1970 da relação entre o local e o global em localidades específicas (Zukin, 2000, p. 105). Dinâmica, essa, influenciada pela produção simbólica que abrange a ressignificação de lugares e a criação de imagens a partir da acumulação de distintas representações da urbanização respaldadas por símbolos. Sharon Zukin (2000) argumenta que o mercado desempenha forças no âmbito da mudança e, simultaneamente, o lugar atua em defesa da manutenção da sua homogeneidade, mesmo que ele demande variações e variabilidade. "O lugar representa a pressão para produzir uma homogeneidade entre os grupos sociais (uma 'comunidade local 'ou uma 'cultura local', constituída pela noção de espaço) e cria uma estabilidade da comunidade local ao longo do tempo" (Zukin, 2000, p. 107). A reflexão demonstra a preocupação da autora que estudou em detalhes a gentrificação em Nova Iorque.

O lugar configura, para além de um pedaço do urbano, um microcosmo em si, composto por símbolos, vivências, permanências e imagens espaciais que colocam em evidência a sua importância no contexto da teoria urbana. O estudo sobre o lugar, na sua dimensão cultural-simbólica, ocorre a partir dos seus significados: deles faz-se possível extrair os seus sentidos (Souza, 2022). O sentido do lugar, ou os sentimentos subjetivos relativos ao lugar, conformam uma interpretação individual do espaço, na sua dimensão sociocultural. A distinção dos lugares da cidade responsabiliza-se pelas experiências do lugar passíveis de ocorrerem no espaço. Massey (2001) defende que o processo urbano - a apropriação cultural, o enobrecimento das áreas da cidade e a segregação sócio-espacial resultante - não se encerra na crítica à produção capitalista do espaço, mas, sim, oferece alternativas de leituras e análises do espaço. A busca pelo sentido dos interstícios - sejam eles lugares, sejam rugosidades - e a ênfase nas relações sócio-espaciais auxiliam na investigação em torno de uma análise do espaço por seus usuários. A compreensão do lugar estimula ações e reações por parte de seus usuários, uma vez que a sua relação com o espaço difere de forma individualizada e com base nas experiências locais de leitura das suas paisagens e territórios atravessadas por fatores externos (Serpa, 2019).

[10] *[…] internally heterogeneous, dialectical and dynamic configurations of relative "permanences" within the overall spatio-temporal dynamics of socio-ecological processes.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade das possibilidades de leitura do espaço expressa-se pela multiplicidade de conceituações referentes ao lugar. Na geografia, diferenciadas correntes e vieses paradigmáticos trabalham o conceito lugar, como o marxismo e a fenomenologia que estudam, respectivamente, a reprodução do capital no urbano e a reprodução da vida cotidiana. Assim como as diferenciadas vertentes analíticas, o urbano, como esfera transdisciplinar da vida cotidiana, possibilita leituras complementares. A leitura do lugar proposta por esse artigo, pautada pelos âmbitos territoriais e paisagísticos, permite o aprofundamento das categorias e a construção de camadas de análises dos espaços por meio de suas imagens, sentimentos, símbolos e relações de poder. Mesmo que os parâmetros de análise sejam diferentes, ao unificar o debate em torno desses conceitos evidencia-se que a principal semelhança consiste na expectativa de que a leitura do espaço possa resultar em práticas de resistência que atuem no sentido da emancipação em relação às imposições do capital. Também ressalta-se que a escala do microurbanismo, fundamentada nas relações cotidianas dotadas de sentimentos e identidade, facilita e dinamiza as (re)ações - ao contrário de amplos territórios que englobam diferentes leituras, culturas e relações sócio-espaciais. O lugar, a paisagem e o território, portanto, conformam análises de microcosmos que podem atuar contra as vicissitudes contemporâneas intrínsecas ao urbano. E destaca-se a necessidade, para além do debate teórico, da busca empírica de tais espaços.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNTO, Rosario. A paisagem e a estética. *In*: SERRÃO, Adriana V. (coord). **Filosofia da paisagem:** uma antologia. 2. ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013, p. 339-376.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (ed*.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 [1984], p. 84-91.

BESSA, Altamiro Sergio Mol. **A construção das paisagens turísticas nos descaminhos da Estrada Real**. 2011. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BESSA, Altamiro Sergio Mol. Paisagens em mundos sensíveis: entre a sutileza e a usura. *In:* BESSA, Altamiro Sergio Mol (org.). **A unidade múltipla**: ensaios sobre a paisagem. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2022, p. 26-61.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo:** exercícios da paisagem. Tradução: Annie Cambe. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014. 234 p. Título original: Le gofit du monde.

BRENNER, Neil. **Espaços da urbanização:** o urbano a partir da teoria crítica. Rio de Janeiro: Letra Capital - Observatório das Metrópoles, 2018.

CRESSWELL, Tim. **In Place/Out of Place**. Minneapolis, MI: University of Minnesota Press, 1996.

DEÁK, Csaba. **Em busca das categorias da produção do espaço**. São Paulo: Annablume, 2016.

FIX, Mariana. **Parceiros da exclusão:** dias histórias da construção de uma "nova cidade" em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada. São Paulo: Boitempo, 2001.

HAESBAERT, Rogério. Apresentação à edição brasileira. *In*: MASSEY, Doreen. **Pelo espaço:** por uma nova política da espacialidade. Tradução: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 234 p. Título original: For Space.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2005. Título original: Spaces of capital: Towards a critical geography.

HARVEY, David. Globalization and the "Spatial Fix". **geographische revue**, online, n. 2, p. 23-30, 2001.

HARVEY, David. **Justice, nature and the geography of difference**. Oxford: Blackwell Publishers Inc., 1996.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. Título original: La révolution urbaine.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. Criar paisagens: expressão artística ou instrumento civilizatório? *In:* BESSA, Altamiro Sergio Mol (org.) **A unidade múltipla:** ensaios sobre a paisagem. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2021, p. 14-23.

LEMOS, Celina Borges. Uma centralidade belo-horizontina. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 43, n. 2, p. 92-111, jul/dez 2007.

MASSEY, Doreen. Part II: Place and identity. In: MASSEY, Doreen. **Space, place and gender**. 3 ed. Minneapolis, MI: University of Minnesota Press, 2001, p. 117-173.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço:** por uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. Título original: For Space.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion Limited, 1976.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova:** da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

SANTOS, Rodrigo Gonçalves dos; LODDI, Laila Beatriz da Rocha; ZANIN, Nauíra Zanardo. Sobre lugares, práticas, corporeidades, dominação e parceira: a experiência gentrificadora e seus atravessamentos na cidade contemporânea. **Indisciplinar**, Belo Horizonte, v. 4, n. 5, 2017, p.113-114.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos:** geografia e fenomenologia. 1 ed. 2 re. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. Identidades como uma quimera de lugares. **Revista da ANPEGE**, [s. l.], v. 17, n. 34, p. 40-54, 2021.

SIMMEL, Georg. A filosofia da paisagem. In: SERRÃO, Adriana V. (coord). **Filosofia da paisagem:** uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013, p. 39-51.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas:** a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 324 p. Título original: Postmodern Geographies - The Reassertion of Space in Critica.

SOJA, Edward W. **Postmetropolis:** Critical Studies of Cities and Regions. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

ZUKIN, Sharon. **Naked city:** the death and life of authentic urban places. New York: Oxford University Press, 2011.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. *In:* ARANTES, Antônio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2000, p. 80-103.

ZUKIN, Sharon. **The cultures of cities**. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.